

Entre Vistas e Olhares

Marcia Cristina Bernardes Barbosa
fala aos
Cadernos de Gênero e Tecnologia

Nesta edição dos CGT apresentaremos a entrevista¹ com a Física, professora universitária e pesquisadora de gênero Marcia Barbosa. Marcia é, sem dúvidas, uma mulher ousada. Além de adentrar, se estabelecer e ser reconhecida em um campo marcadamente masculino como a Física ela ousou associar suas atividades neste campo com os estudos de gênero. Impossível? Para Marcia não. Ela é um exemplo de que é possível se dedicar a áreas do conhecimento aparentemente distantes umas das outras e ter sucesso e ser respeitada em ambas.

Sua trajetória é invejável tendo recebido prêmios por sua atuação nestas duas áreas do conhecimento e, na atualidade (julho de 2017) é diretora da Academia Brasileira de Ciência. Ao longo de sua vida acadêmica e profissional se deparou com momentos de preconceito e discriminação, mas superou-os com o conhecimento. Contra o conhecimento não há argumentos.

Com esta entrevista que Marcia, tão generosamente nos concedeu poderemos conhecer um pouco de sua trajetória, de seu pensamento e estratégias (gostei do “cantinho do pensamento”) para superar as situações não tão agradáveis e acredito que poderemos admirá-la ainda mais.

Desejamos a todas e todos que esta leitura seja um momento agradável, estimulador e enriquecedor. Vamos a entrevista.

CGT – Olá Marcia Barbosa, agradecemos sua disponibilidade em colaborar com os Cadernos de Gênero e Tecnologia. Pode nos contar um pouco sobre sua trajetória pessoal e profissional?

Marcia - Eu sou filha da escola pública brasileira. Fiz do ensino fundamental ao doutorado financiada pelo povo brasileiro. Após o doutorado na UFRGS, passei dois anos na University of Maryland e voltei tornando-me docente da UFRGS. Hoje sou professora titular da UFRGS e diretora da Academia Brasileira de Ciências bem como pesquisadora do CNPq.

CGT - Você se casou? Teve filhos?

Marcia - Já fui casada e atualmente tenho um companheiro (dez anos de convivência). Não tenho filhos.

CGT – Como é ser uma mulher na Física, área marcadamente masculina?

Marcia - Eu descobri que eu era uma estranha no ninho no primeiro dia de aula. Eram 40 alunos e somente quatro meninas, das quais somente eu me formei. Notava uma ausência de mulheres na liderança e com impacto nacional e internacional. Quando se é jovem isto dá um sentimento de que se é uma impostora. No meu caso este sentimento era ainda maior por ser proveniente da escola pública.

CGT – Você acredita que se existirem mais mulheres que sirvam de exemplo aumentará o estímulo para as meninas seguirem as carreiras científicas?

Marcia - A ampliação da presença de mulheres no meio científico ajuda em três pontos: não nos sentimos “uma estranha no ninho”; as mais jovens compreendem que é possível seguir a carreira; as meninas percebem que ciência é para elas.

CGT - O que você acha que levou suas colegas a desistirem do curso?

Marcia - Elas procuraram outros caminhos, pois não conseguiam pensar ser possível conciliar carreira e família. Muitas delas viam na Física um sacerdócio.

CGT – Você considera que as mulheres têm as mesmas oportunidades e possibilidades de crescimento que os homens na área científica, de modo especial nas ciências “hard” como a Física por exemplo?

Marcia - Se tivéssemos as mesmas oportunidades o percentual de mulheres na Física entre a entrada e o topo não passaria de 20% na entrada para 5% no topo. Há várias questões: estereótipos, maternidade, perfil agressivo do cientista e o desejo de cada cientista de se perpetuar através de um sucessor similar a si mesmo. Estes ingredientes se adicionam e se tornam como beliscões cotidianos. Algumas mulheres dizem basta de beliscões e seguem outro rumo ou se contentam com um papel científico coadjuvante.

CGT – Você não foi uma dessas que cansou dos beliscões e desistiu. De onde veio a persistência para continuar?

Marcia - Eu sou teimosa. Para mim os beliscões viram energia para continuar. No entanto, é muito contraproducente esperar que todas as mulheres sejam capazes de usar beliscão como combustível.

CGT – Como você percebe a participação das mulheres nas ciências no Brasil?

Marcia - Nas ciências em geral tem se ampliado. Já somos maioria no doutorado e no mestrado. Já estamos taco a taco com os homens nas publicações. No entanto, ainda não vemos mulheres na liderança, dirigindo grandes laboratórios, tendo voz e vez nas pesquisas. Nas áreas de exata não temos mulheres nem na base quem dirá no topo.

CGT – Você chegou a direção da Academia Brasileira de Ciência. Você se considera uma exceção? Você é a primeira mulher a alcançar este posto?

Marcia - Eu não sou a primeira mulher na direção da ABC. Apesar de no Brasil o olhar de gênero não existir, há locais onde as mulheres conseguiram alguns postos e a ABC é um destes locais. No entanto, ainda somos muito poucas. Recentemente eu e a uma colega, profa. Carolina Brito, apoiadas por um grupo de estudantes, mostramos que o percentual de mulheres como membros da ABC é menor do que as bolsistas de produtividade em pesquisa 1A+1B. Estou falando de percentuais. Em um mundo com equidade o percentual deveria ser o mesmo.

CGT – Você acredita que a maior inserção das mulheres na ciência pode proporcionar um novo olhar para determinados problemas de pesquisa?

Marcia - A diversidade dá um novo olhar sobre o mundo e certamente sobre a ciência. Apesar do método científico ser assexuado, a opção de que problema estudar, como modelar, como testar, as ideias fora da caixa, etc. tem um forte fator humano, cultural, onde homens e mulheres se distinguem. Uma ciência mais diversa é uma melhor ciência.

CGT – Seguidamente temos notícias de personalidades do meio político, acadêmico e científico subestimando e diminuindo a contribuição feminina para as ciências e para a sociedade. Como você vê estes posicionamentos que, muitas vezes, demonstram preconceito e discriminação com as mulheres?

Marcia - Este posicionamento mostra duas coisas complementares: ignorância e medo. A ignorância de não perceber que mulheres terem mais acesso significa um

maior número de pessoas resolvendo os problemas do planeta e com isso todos termos uma vida melhor. O medo é o medo de perder o seu privilégio de homem, branco e vindo de classe média alta. Homens medíocres tem este medo.

CGT – Homens tem medo de mulheres fortes e inteligentes? Ser inteligente assusta?

Marcia - Há homens que gostam de mulheres fortes e outros que não gostam. Eu procuro os que gostam.

CGT – Como é seu relacionamento com seus pares do sexo masculino?

Marcia - Eu tenho um excelente relacionamento com os meus colegas, pois trato o preconceito com o método científico e cientistas aceitam os resultados e tendem a incorporar na sua cultura. Obviamente há os que relutam e se apegam às velhas tradições. Com estes eu preciso ser Super Nanny² e mandá-los para o 'cantinho do pensamento'.

CGT – E eles vão? Refletem e mudam de posicionamento? (Adorei o 'cantinho do pensamento'. Vou adotar!)

Marcia - Se a pessoa é honesta, ela aprende. Já vi homens e mulheres mudarem de opinião frente a um momento de reflexão.

CGT – Você já sofreu preconceito no campo dos estudos em Física por ser mulher?

Marcia - O preconceito aparece de diversas formas, muitas delas inconscientes. Quando mais jovem, ao pedir progressão como bolsista do CNPq ouvi de um avaliador “tu estás muito bem posicionada para uma mulher”. Em outro evento em um meio internacional ao entrar em uma reunião de um comitê pediram um café me confundindo com uma secretária. Ainda em um outro evento, ao ganhar uma discussão com um colega, ele disse que “o meu perfume tinha atrapalhado a discussão”. Outras tantas vezes creditaram algum sucesso a ser “amiga” dos avaliadores. Nenhum destes comentários teriam ocorrido se eu fosse um homem.

CGT – Estes casos foram de preconceito explícito. Na sua opinião, este tipo de comentário e de comportamento exigem uma força extra às mulheres para se inserirem e permanecerem no meio científico?

Marcia - Muitas mulheres desistiram da carreira para não sofrer este preconceito explícito.

CGT – Você é membro titular da Academia Brasileira de Ciência. Recebeu premiações tanto na área de Física quanto nos estudos de gênero e ciência. Como você concilia estas duas áreas que parecem (só parecem) tão distantes?

Marcia - Para mim é natural, pois sou interessada no mundo que me rodeia. Eu vivo a polis em sua complexidade o que inclui ciência e seu impacto na sociedade. Nada mais natural que focar no tema de gênero em um meio onde a falta de mulheres repercute em uma ciência menos eficiente.

CGT – Causou alguma estranheza dentre seus amigos/as, familiares e colegas pesquisadores/as o fato de você se inserir nos estudos de gênero e ciência?

Marcia - As pessoas que me conhecem sabem que sou interessada em tudo e que particularmente gosto de ter opiniões embasada em evidências. Portanto, para falar de gênero precisei estudar gênero como para falar de água, eu estudo água.

CGT – Muitos consideram que as ciências humanas não têm evidências sólidas que justifiquem suas pesquisas. Seus estudos de gênero têm se desenvolvido por quais caminhos? Quais são seus temas de estudo?

Marcia - Eu uso dados, mas igualmente tento usar o fator humano para entender o que está ocorrendo. Não acredito que estudos qualitativos sejam menos ciência que os quantitativos. Na verdade, são complementares. Eu tento levantar dados

sobre o percentual de participação, mas igualmente conversar com as pessoas para entender a origem do problema.

CGT – Nos últimos 10 anos muitos congressos têm oferecido pelo menos um grupo de trabalho destinado a Gênero, Ciência e Tecnologia. Em sua opinião a que se deve a abertura destes espaços para divulgação dos trabalhos desenvolvidos nesta temática?

Marcia - Tudo é um processo. A medida que as mulheres foram sendo educadas (no Brasil o ingresso das mulheres na Universidade ocorre no início do séc. XX), as questões de seu posicionamento na sociedade se ampliam. Não é surpresa que o tema tenha ampliado justamente quando as mulheres se tornam 50% na pós-graduação.

CGT – Em sua opinião, por que o interesse pelos estudos de gênero é despertado principalmente nas mulheres? Esse é um assunto que só diz respeito a elas?

Marcia - Em um primeiro momento as mulheres precisam se empoderar do problema. É um problema seu. Em um segundo momento, a sociedade deve perceber que é um problema social, ou seja, de todos nós. Finalmente, a ciência deve perceber que uma ciência feita só por homens é uma ciência pior.

CGT – No atual governo percebemos um retrocesso no que diz respeito às questões de gênero e raça no Brasil, bem como no desenvolvimento de ciência e tecnologia. Como você vê este movimento do Governo Federal? Quais impactos pode ter na vida das mulheres? E na participação das mulheres na ciência?

Marcia - O atual governo tem uma agenda de repressão de avanços sociais com o objetivo de alavancar o capital no que tem de mais primitivo: exploração do trabalho. Esta agenda é antiga até para o capitalismo moderno que se foca em como vamos sobreviver em uma sociedade onde o ser humano será substituído pela tecnologia. No entanto, a elite liberal brasileira é subserviente e assume esta agenda antiga que tentou ser implantada na Espanha e em Portugal (Europa pobre) e não funcionou. No Brasil esta agenda surge como uma resposta do homem, branco e da classe média alta, pois teme perder os seus privilégios. Felizmente a participação feminina e dos negros em todos os aspectos do trabalho é algo irreversível, pois já se entranhou no meio acadêmico. Apesar dos retrocessos trabalhistas, iremos sobreviver a esta corrente reacionária. Como dizia Mario Quintana: “Eles passarão, nós passarinho”.

CGT – O que poderia ser feito para incrementar a participação feminina nas ciências?

Marcia - Corrigir os estereótipos, monitorar dados sobre mulheres na ciência acessíveis, corrigir políticas de progressão que não tenham um olhar de gênero e pensar se a ciência que fazemos não tem um viés machista.

CGT – O que seria uma “ciência com viés machista”?

Marcia - Deixa eu dar um exemplo. Primeiro exemplo. Suponha que se esteja comparando o ritmo cardíaco de pessoas em dois momentos: no trabalho e em casa. Se o estudo for feito analisando somente homens dará um resultado que só funciona para homens. Outro exemplo. No mundo atual o trabalho de cuidar dos filhos ainda é maior para mulheres do que homens. Colocar as reuniões de grupo no horário em que se buscam as crianças no colégio, tem viés machista.

CGT – Qual seria o papel das escolas e das universidades no estímulo a participação das mulheres nas ciências?

Marcia - As escolas têm um papel de trazer (apesar da lei assim o proibir) uma discussão de gênero e de raça. As universidades devem trazer a discussão de como formar profissionais sem preconceito e alertas para os benefícios da diversidade.

CGT – Tem mais algum tema que gostaria de abordar?

Marcia - Assédio. Infelizmente no trabalho, nas universidades e na vida cotidiana, a mulher ainda é um objeto. O assédio é real e afeta nossas jovens. Precisamos ter em todos os ambientes, ouvidorias especializadas para tratar disto. Somos bons em ter comitês de ética animal para tratar dos experimentos. Urge termos comitês de ética humana para monitorar as relações, em particular as de poder entre as pessoas.

Aborto. Não teremos mulheres livres enquanto não formos donas de nossos corpos. O aborto legal neste país é muito limitado e pune a mulher criminal e psicologicamente. Temos que ampliar o debate para construirmos uma legislação justa e sem vínculos religiosos.

CGT – São assuntos importantes e que, muitas vezes, pensa-se que não atingem as cientistas, fato que não é verdade.

Marcia - Concordo. Todos nós somos parte da sociedade e temos os mesmos problemas.

CGT – Agradecemos sua disponibilidade em contribuir para os Cadernos de Gênero e Tecnologia.

NOTAS

¹ Entrevista feita por e-mail no mês de julho de 2017 por Lindamir Saletе Casagrande que também é responsável pelo preâmbulo.

² Este é o nome de um programa de televisão que tinha como objetivo ajudar os pais e mães a acalmarem os filhos para torna-los mais obedientes.